

ESTRATÉGIAS DE RECONHECIMENTO NA FORMAÇÃO CONTINUADA

LARISSA SOARES PRIEBE¹;
MAIANE HATSCHBACH OURIQUE²

¹Universidade Federal de Pelotas – larissasoarespriebe@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maianeho@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, a maioria das formações continuadas possuem uma perspectiva técnica e alto custo. Porém, vale ressaltar que apenas questões técnicas e metodológicas não devem ser a base para oferta de formação, já que a subjetividade fortalece o reconhecimento de si mesmo e do outro.

A subjetividade não se limita apenas às experiências adultas dos sujeitos enquanto profissionais, pois é um processo que se estabelece a partir das relações primárias e que se amplia socialmente nas relações com o outro. Dessa forma, na sua prática profissional, o docente desenvolve ações que estão conectadas com suas condições de autorrealização enquanto criança, ou seja, os processos de reconhecimento de si, influenciam no exercício da docência.

Os docentes são sujeitos históricos em constante processo formativo e possuem significativas experiências em suas trajetórias tanto pessoais quanto profissionais. Com um olhar atento e inquietante, é necessário reconhecer na integridade do sujeito a sua subjetividade. Sendo assim, destaco a relevância da escuta atenta nas propostas de formação continuada, de modo a compreender a constituição da subjetividade de cada docente.

Nesse sentido, através de uma perspectiva crítica e reflexiva, é necessário que a formação continuada de professores reconheça a relevância dos processos de reconhecimento de si e do outro. Uma educação que reconhece o outro como sujeito, desenvolve a possibilidade de autoconfiança, autorrespeito e autoestima.

Através do pensamento de Honneth, é possível obter uma compreensão mais amplificada sobre o termo reconhecimento. Para Honneth, o reconhecimento é entendido como uma construção dialógica, intersubjetiva e histórica.

Neste trabalho, busco analisar os possíveis impactos do reconhecimento na formação continuada em uma perspectiva crítica de Honneth. Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa é desenvolver uma reflexão crítica a partir de vertentes bibliográficas sobre o reconhecimento nos cursos de formação continuada.

Essa pesquisa, deu-se a partir dos pressupostos críticos e reflexivos principalmente de Honneth (2003), mas também de Adorno (1995), Habermas (1989), Butler (2015), Nóvoa (1995) e Giroux (1992).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho de pesquisa tem como base a realização de estudos bibliográficos de pensadores críticos que contribuem de forma reflexiva para a compreensão do reconhecimento nas propostas de formação continuada. Através de uma breve análise qualitativa bibliográfica, buscou-se compartilhar alguns aspectos sobre o reconhecimento docente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação continuada de professores ainda no atual momento é fomentada por políticas públicas constituídas através de práticas descontinuadas que buscam ampliar qualidade educacional por meio de métodos e técnicas. Quando a racionalidade instrumental e da técnica adentra os espaços de formação, ela promove um afastamento da reflexão e da discussão pública.

A formação continuada torna-se mais significativa quando proporciona reflexões críticas que visam o desenvolvimento da autonomia nos sujeitos. Dessa forma, defende-se que as propostas de formação devem vislumbrar espaços de diálogo, escuta e necessita estar totalmente comprometida com a subjetividade dos sujeitos.

Mesmo que Honneth não aborde especificamente a educação e a formação continuada em seus estudos, ainda é possível fazer essa relação, pois o reconhecimento torna possível a formação de sujeitos com mais autorrespeito, autoestima e autoconfiança. Honneth percebe o reconhecimento como uma forma de valorização das trajetórias dos indivíduos, possuindo foco na intersubjetividade por meio da interação social e da autonomia dos sujeitos. Em seus estudos apresenta três dimensões do reconhecimento social: o amor, o direito e a solidariedade. Para Honneth, o reconhecimento é como uma âncora das relações sociais.

Honneth apresenta sua teoria também relacionada a Adorno, por defender a emancipação. Desse modo, emancipação é o processo de conquista da liberdade e autonomia que são adquiridos através do reconhecimento. Nesse sentido, a emancipação na formação de professores deve ir além de conhecimentos técnicos, pois precisa apresentar comprometimento com a subjetividade dos sujeitos para a solidariedade, a cooperação e a justiça.

Adorno enfatiza que a educação precisa estar relacionada aos processos de humanização e valorização da vida, destacando o desenvolvimento da autorreflexão e autonomia para se posicionar diante das condições de opressão e burocratização, visando uma educação emancipatória. Afirma ainda que a educação precisa ser crítica, reflexiva e voltada ao sujeito. Adorno questiona o tecnicismo que torna o sujeito um objeto de dominação.

Sobre o reconhecimento, Butler afirma que os sujeitos são reconhecidos e aceitos nas relações com o outro. Assim, defende que é através da experiência com o outro por meio do diálogo que conseguimos refletir sobre a humanidade e assim compreender as trajetórias que envolvem conquistas e dificuldades.

Nóvoa defende que as formações sejam críticas-reflexivas e forneçam autonomia aos professores. Dessa forma, a reflexão permite a valorização do sujeito, dos saberes e das trajetórias. Nóvoa defende que é preciso espaços para troca de experiências e partilha de saberes. Afirma também que é preciso garantir espaços de autoconhecimento, pois a formação continuada não se faz por meio de acúmulo de conhecimentos e técnicas, mas a partir de uma prática reflexiva.

Habermas compreende que o conhecimento está ligado à dimensão intersubjetiva da vida em sociedade. A formação, quando relacionada com a intersubjetividade, permite que a subjetividade seja constituída na relação com o outro. Para Habermas, todos os sujeitos devem ter a mesma oportunidade de fala e expressão. Dessa forma, a formação continuada deve proporcionar espaços de diálogo e escuta para a construção de um pensamento autônomo e de práticas compartilhadas.

Giroux afirma que é preciso repensar a atividade docente e compreender o professor como intelectual transformador. Para ele, o intelectual transformador busca o fornecimento de reflexões críticas para romper com a racionalização das práticas sociais prejudiciais. Dessa forma, é possível perceber que, para Giroux, o reconhecimento ocorre na compreensão dos percursos formativos, na compreensão das dificuldades encontradas e no entendimento do professor como protagonista ativo deste processo.

Por todo contexto que olhamos, percebemos uma barbarização do conflito social. As esferas de reconhecimento parecem muradas por fronteiras externas como o próprio capitalismo, destruídas por princípios sem garantia de direitos. Cada vez mais, os docentes dependem das mantenedoras para a garantia desses “direitos” e cada vez menos possuem espaços para reivindicar um reconhecimento intersubjetivamente compartilhado.

As formas de desrespeito ferem as esferas de reconhecimento, apresentando consequências no desenvolvimento social, corporal e psíquico dos sujeitos, pois ao se sentirem desrespeitados há uma privação dos direitos que pode gerar a exclusão social.

O sujeito ao não ser reconhecido socialmente, sente-se desvalorizado tanto no ambiente familiar quanto em lugares institucionais, pois não desenvolve algo necessário para o convívio em sociedade que é a autoestima.

O conflito, então, surge na relação entre violência à dignidade e o desejo de reconhecimento. Porém, o conflito não precisa necessariamente ser visto através de atitudes violentas, pois o sujeito pode procurar resolver através do diálogo. Para haver diálogo é necessário que ambos estejam dispostos a conversar.

O diálogo é alicerce nesses espaços de formação, pois constitui o conhecimento recíproco, já que proporciona abertura para pensar a sensibilidade e compreensão de problemas que envolvem a sociedade e à docência.

4. CONCLUSÕES

Cada sujeito percorre uma trajetória profissional e pessoal individualizada, que envolve crenças, experiências, motivações, interesses e expectativas. Ao longo da constituição das trajetórias dos sujeitos, há várias influências pessoais, profissionais e políticas.

Os sujeitos não se constituem de forma isolada, mas através das experiências vivenciadas. Dessa forma, é necessária uma formação continuada de professores que promova espaços de diálogo, compreensão, escuta e reconhecimento dessas trajetórias.

Através deste levantamento de vertentes bibliográficas, é notável que a formação docente não deve ocorrer de forma mecânica, através de métodos e técnicas, visando apenas resultados lucrativos e, sim, por meio da autorreflexão, reconhecendo o docente como sujeito histórico com experiências constituídas ao longo de suas trajetórias através das relações com o outro. Assim, é preciso buscar desenvolver formações mais emancipatórias, abertas para novas possibilidades e que valorize a subjetividade dos docentes.

O reconhecimento ocorre através de três padrões de autorrealização do sujeito: sociabilidade, intersubjetividade e moral. Podemos considerar a partir das contribuições dos pensadores destacados neste trabalho que existem empecilhos que dificultam o reconhecimento docente. As formações em perspectivas técnicas,

a falta de espaços de fala e escuta, a privação dos direitos e recursos são exemplos destes empecilhos que dificultam o reconhecimento docente.

O reconhecimento é a base da autoestima. Quando não ocorre ou é negado o reconhecimento das trajetórias, o indivíduo sente-se ameaçado. A falta de reconhecimento, a violação, a privatização e negação dos direitos são algumas das questões que justificam a luta por reconhecimento.

Quando o professor não é reconhecido como sujeito histórico ou não é valorizado profissionalmente, ocorre a perda da autoestima e também a ausência da autorrealização. Para que haja autorrealização, o sujeito precisa passar por cada fase do reconhecimento.

Os sujeitos vivenciam através do amor, a possibilidade de autoconfiança, o reconhecimento jurídico em cada experiência e a autoestima na solidariedade. Nesse sentido, a formação continuada precisa proporcionar condições de agir, pensar e ser reconhecidos nas diversas relações sociais, políticas e econômicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo, Paz e Terra, 1995.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad.: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- GIROUX, Henry. **Escola crítica e política cultural**. 3. ed. Trad. Dagmar Zibas. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992. Coleção Polêmicas do nosso tempo.
- HABERMAS, J. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: 34, 2003.
- NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores** 2.ed. Porto: Porto Editora, 1995.